

O caminhar do ALiB por Mato Grosso do Sul: uma parada na fronteira

Aparecida Negri **ISQUERDO**
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Considerações preliminares

O Brasil assistiu, na última década, a uma significativa expansão nas pesquisas dialetológicas e geolingüísticas, o que pode ser constatado pela existência dos inúmeros projetos de atlas lingüísticos regionais em andamento, em editoração e em projeto, em diferentes regiões brasileiras – 6 atlas em andamento (MS, MT, AC, PA, SP e RJ); 3 em editoração (RS, SC e CE); 3 com parte já editados e parte em editoração (PR, MG e SE); 3 atlas em projeto (MA, TO e RN) –, além do arrojado projeto do Atlas Lingüístico do Brasil já em execução¹.

O presente trabalho discute, particularmente, os caminhos já percorridos pelo projeto de pesquisa do Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB), no Estado de Mato Grosso do Sul. Analisar o caminhar do projeto do ALiB implica considerar, dentre outras, duas vertentes: “a operacionalização do projeto propriamente dito nos diferentes estados brasileiros e a importância do projeto ALiB no contexto histórico dos estudos dialectológicos no Brasil, sobretudo no que se refere à (re)definição de parâmetros teórico-metodológicos”. No que se refere à primeira vertente, cumpre-nos destacar que cada equipe tem procurado conduzir o levantamento de dados, segundo suas possibilidades humanas, financeiras

¹ Além disso, há que se registrar os cinco atlas lingüísticos já editados no Brasil (BA, PB, SE, MG e PR).

e instrumentais, conforme atestam os primeiros resultados do projeto divulgados em eventos científicos e por meio da produção intelectual da equipe de pesquisadores vinculada ao projeto. Neste momento, ater-nos-emos, particularmente, à primeira vertente, dados os objetivos deste ensaio: discutir aspectos relativos à operacionalização do ALiB em Mato Grosso do Sul, apontando alguns pontos para reflexão, no que se refere à metodologia.

1. O ALiB em Mato Grosso do Sul

O projeto nacional do ALiB prevê o levantamento de dados em 24 pontos lingüísticos da região Centro-Oeste: 6 em Mato Grosso do Sul; 9 em Mato Grosso e 9 em Goiás. No que diz respeito a Mato Grosso do Sul, as zonas lingüísticas a serem investigadas, que contemplam as diferentes regiões do Estado, tiveram a seguinte distribuição: *Coxim* (ponto nº 112), *Corumbá* (ponto nº 113), *Campo Grande* (ponto nº 114), *Paranaíba* (ponto nº 115), *Nioaque* (ponto nº 116) e *Ponta Porã* (ponto nº 117).

Mato Grosso do Sul, a exemplo da Região Centro-Oeste, nasceu sob o signo da migração e continua sendo palco de diferentes processos migratórios, em diferentes fases de sua história:

num primeiro momento, através da presença portuguesa (a partir de 1772) e, nas fases posteriores de sua história, quando recebeu e continua recebendo (i)migrantes oriundos de localidades distintas - nordestinos, gaúchos, mineiros, paulistas, paranaenses, paraguaios, bolivianos, japoneses, libaneses, espanhóis. A situação de fronteira do Estado com os países latino-americanos Bolívia e Paraguai beneficia as relações comerciais e o amálgama cultural e lingüístico – brasileiros, paraguaios, bolivianos e índios convivem no mesmo espaço geográfico, gerando situações de bilingüismo e de contatos interculturais. A convivência entre pessoas de diferentes procedências acabou por motivar uma miscigenação

cultural que se reflete nos mais diversas manifestações artísticas, culturais e lingüísticas (Isquierdo; Oliveira, 2000).

Assim, tendo em vista que a metodologia do projeto do ALiB estabelece a realização dos inquéritos lingüísticos com quatro informantes - dois do sexo feminino e dois do masculino, com idades entre 18 e 30 anos e 50 a 65 anos, com escolaridade até quarta série do Ensino Fundamental -, para as cidades do interior, e oito informantes para Campo Grande, uma vez que nas capitais serão entrevistados mais quatro informantes com curso superior, com as mesmas características dos do interior, no que se refere às dimensões diasexual e diageracional, *vinte* e *quatro* habitantes, nascidos nas localidades que serão objeto de pesquisa, fornecerão para o ALiB a variante sul-mato-grossense da língua portuguesa, com suas especificidades de acordo com a zona lingüística investigada.

Desta forma, de *Ponta Porã*² e de *Corumbá*³, provavelmente, surjam marcas de bilingüismo, influências hispano-americana e ameríndia, decorrentes das línguas em contato – português, espanhol e guarani – nessas faixas de fronteira do Brasil com o Paraguai e com a Bolívia, respectivamente; da região do Bolsão – *Paranaíba*⁴ –, fronteira com o Estado de Minas Gerais, poderão vir indícios das pegadas das bandeiras paulistas, no início do século XVIII, e o legado dos primitivos habitantes da região, os índios Caiapó, e dos migrantes mineiros que se fixaram na

² “Esta cidade surgiu da concessão dada pelo Governo Imperial a Thomaz Laranjeiras, em 1823, para a exploração da erva-mate nativa, uma das riquezas da região. Situada na fronteira seca do Brasil com o Paraguai, foi uma das que sofreu com a Guerra do Paraguai que lá deixou marcas bem profundas” (<http://www.pantanalms.tur.br/>).

³ “As origens de Corumbá remontam ao arraial Nossa Senhora da Conceição de Albuquerque, fundado em 1778, elevado a freguesia em 1835, a vila em 1850, cuja sede foi transferida, em 1858, para o lugar onde se situa hoje Corumbá; o novo núcleo foi arrasado pelas tropas paraguaias, sendo retomado em 1867; o município de Corumbá, extinto em 1869, foi restaurado em 1871, passando a cidade em 1878” (Campestrini e Guimarães, 1991, p. 89).

⁴ Segundo Cabral (1999, p. 28), *o terceiro município sul-mato-grossense é Sant’Anna do Paranaíba, hoje Paranaíba, criado em 10 de julho de 1857.*

região no início do século XIX; da região norte do Estado – *Coxim*⁵ – serão recolhidos fatos lingüísticos que refletirão a realidade cultural e lingüística de uma faixa de território que poderá, inclusive, evidenciar isoglossas que recubram o norte de Mato Grosso do Sul e o sul de Mato Grosso e até demonstrar que “as fronteiras geográficas nem sempre representam fronteiras culturais e lingüísticas, ainda mais num momento em que o próprio conceito de fronteira é revisto e redefinido” (Isquierdo, 1999, p. 21); de *Nioaque*⁶, tradicional município do Estado que foi palco da Guerra do Paraguai, conflito deflagrado entre a denominada Tríplice Aliança - Brasil, Argentina e Uruguai – e o Paraguai, cujo término ocorreu em 1º/03/1870, quando a tropa brasileira venceu a paraguaia na Batalha de Cerro-Corá, virá a variante do interior do Estado, revelando a mesclagem cultural e lingüística que caracteriza essa região; por fim, de *Campo Grande*⁷, centro catalisador de toda a atividade econômica e social do Estado, que “está fadada a ser um pólo turístico cosmopolita, sem perder suas raízes rurais que lhe dão um charme irresistível e uma cultura peculiar⁸, emergirá a variante lingüística resultante da miscigenação dos vários povos nativos com os migrantes/imigrantes que fixaram residência na “cidade morena”, como é carinhosamente chamada.

Em síntese, a formação do povo sul-mato-grossense resultou da miscigenação das populações nativas⁹ com os diferentes povos que

⁵ O município de *Coxim* foi criado em 1898, e resultou do desmembramento do município de Corumbá (Cabral, 1999, p.28).

⁶ Originado do município de Miranda, *Nioaque* é o quarto município criado no sul da então província de Mato Grosso, em 1890, como consequência direta da Guerra do Paraguai (Cabral, 1999, p.28).

⁷ A Capital do Estado, Campo Grande, teve sua origem no antigo arraial de Santo Antônio de Campo Grande. A cidade foi fundada em 1869, mas começou mesmo a ser povoada em 1875; foi elevada a município em 1899. *Buscando as “vacarias”, uma comitiva de mineiros chegou à região chefiada pelo fundador, José Antônio Pereira que, deslumbrado com a planície, exclamou: “Isto é um campo grande!”* (<http://www.pantanalms.tur.br/>).

⁸ Cf. <http://www.pantanalms.tur.br/>

⁹ Mato Grosso do Sul abriga ainda a segunda maior população indígena do Brasil.

aportaram nesse espaço geográfico, desde o início do processo de colonização e povoamento dessa região: imigrantes portugueses, espanhóis, paraguaios, bolivianos, japoneses, árabes e migrantes oriundos de diferentes Estados da Federação – gaúchos, mineiros, nordestinos, paulistas. Em decorrência disso, a linguagem do homem sul-mato-grossense deve refletir esse amálgama cultural característico de um Estado fortemente marcado por processos migratórios e pela situação de fronteira.

2. A fronteira Brasil/Paraguai no ALiB: a experiência em Ponta Porã

A operacionalização do projeto do ALiB no Estado de Mato Grosso do Sul teve início em outubro de 2001, com a realização de duas entrevistas com informantes masculinos da faixa etária I (18 a 30 anos), em Campo Grande (ponto 114). Em agosto de 2002 foram realizados os quatro inquéritos previstos para a localidade de Ponta Porã (ponto 117). A aplicação dos questionários lingüísticos nessa localidade reforçou a dificuldade de se encontrar informantes que preencham os requisitos do ALiB, principalmente quanto aos itens “serem naturais da região lingüística pesquisada”, com pais “preferencialmente da mesma região”.

Frente a esse quadro, julgamos importante resgatar alguns dados histórico-geográficos desse município que poderão fornecer elementos para a interpretação das causas que determinaram a dificuldade apontada. Ponta Porã é uma cidade fronteira cujas terras foram palco da Guerra do Paraguai¹⁰. Dada à posição geográfica da cidade (fronteira seca do Brasil com o Paraguai), o uso concomitante das línguas portuguesa, guarani e castelhana (esta última em menor proporção entre as pessoas de baixa escolaridade) representa um *continuum* lingüístico. A grande maioria das pessoas nascidas em Ponta Porã tem ascendência paraguaia.

¹⁰ Essa guerra afetou também outras cidades do então estado de Mato Grosso: “ao findar-se a guerra, em 1870, as vilas de Corumbá, de Miranda, de Nioaque e de Coxim estavam destruídas; intacta e em desenvolvimento, somente Santana do Paranaíba” (Camprestini; Guimarães, 1991, p. 89).

Acresce-se ainda que, nas últimas décadas, muitos imigrantes - sobretudo judeus, coreanos, chineses - têm sido atraídos para essa localidade pelo comércio (nos dias atuais em decadência com a alta do dólar). Além disso, a cidade tem atraído muitos migrantes de outros Estados brasileiros, sobretudo da região Sul do Brasil, e também habitantes de fazendas que vêm para a cidade em busca de emprego. Outra particularidade dessa faixa de fronteira é a grande concentração de gaúchos que, à época da Revolução Federalista (1892/1895), migraram para o antigo Estado de Mato Grosso, via Argentina e Paraguai, fugindo de perseguições políticas e em busca de terras vastas para criação de gado¹¹. Na década de 70, o Estado abrigou novas levas migratórias, sobretudo sulistas, particularmente gaúcha, que também deixaram seu legado para a formação étnica da população local. Portanto, essa miscigenação que marca a origem da população tem gerado uma miscigenação cultural e lingüística muito particular nessa faixa de fronteira. Esses fatores apontados dificultam a escolha dos informantes, no que se refere ao local de nascimento dos pais.

Entendemos que essa proximidade com o Paraguai representa uma particularidade a ser considerada pelo Comitê Nacional do ALiB, no que se refere à naturalidade dos pais. Foi impossível encontrar informante cujo pai ou mãe não fosse paraguaio ou oriundo de fazendas pertencentes à zona lingüística investigada. Em virtude da grande mobilidade da população pelos municípios da fronteira, não foi possível encontrar o informante que preenchesse integralmente os requisitos do ALiB, no que diz respeito à naturalidade dos pais.

Como já foi assinalado, aplicamos o questionário lingüístico a quatro informantes – dois da faixa etária I (18 a 30 anos) e dois da faixa II (50 a 65 anos) – um do sexo masculino e outro do sexo feminino de cada faixa etária. Acabamos entrevistando um informante masculino com 17 anos e 10 meses, em razão da falta de opção por outro candidato. O Comitê

¹¹ Cf. Isquierdo (2000).

decidirá essa questão, mas a equipe de pesquisa já está planejando voltar à localidade em busca de outro informante masculino jovem.

Para a escolha dos informantes, contamos com os préstimos de uma professora da Faculdade de Ponta Porã (FAP) que, com auxílio de alunas do curso de Letras, realizou a primeira triagem e agendamento dos informantes¹². Além disso, a professora acompanhou-nos na busca dos informantes pelos bairros da cidade.

Ainda com relação aos informantes, há que se registrar a resistência de algumas pessoas a se disporem a responder o questionário e o problema da disponibilidade de tempo. Em Ponta Porã, realizamos inquéritos no sábado e no domingo, o que facilitou os trabalhos, pois, como as pessoas estavam mais disponíveis, a maior dificuldade a ser superada foi a localização dos informantes nos bairros, em sua maioria periféricos.

Já quanto ao local de realização das entrevistas, foram vivenciadas duas experiências: uma entrevista foi realizada fora do ambiente familiar da informante - residência de uma professora da FAP que deu apoio logístico à equipe de pesquisa em Ponta Porã colocando a sua residência à disposição do grupo para a realização das entrevistas -, e as outras três foram realizadas nas próprias residências dos informantes.

A primeira ocorreu em situação ideal, sem interferências que prejudicassem o andamento dos trabalhos – a informante jovem de 18 anos não se opôs a acompanhar-nos para outro local, o que não aconteceu com a informante da segunda faixa etária, que se mostrou encabulada frente ao convite. Já as entrevistas realizadas na residência dos informantes ficaram sujeitas às vicissitudes que normalmente interferem no trabalho de coleta de dados – presença de outras pessoas, barulhos dentro da residência, interferência na resposta do informante, além das próprias condições físicas do ambiente, normalmente pouco adequado para esse

¹² Referimo-nos à Professora Marilze Tavares, aluna do Programa de Mestrado em Letras da UFMS.

tipo de coleta de dados. Essas circunstâncias, a despeito de não chegarem a prejudicar as entrevistas, interferiram um pouco na qualidade da gravação.

Nesse particular, foi de fundamental importância a ajuda do pesquisador auxiliar que, além de acompanhar a aplicação do questionário, registrando as questões não respondidas ou puladas e zelando pelo bom funcionamento do gravador, tem a função de tentar administrar o controle das interferências externas. Saliente-se que nem sempre se consegue sucesso nessa tentativa, pois o fato de os pesquisadores atuarem na própria residência da pessoa dificulta um pouco o controle dos ruídos que afetam o bom andamento do trabalho, como o ocorrido, por exemplo, na entrevista com o informante masculino da segunda faixa etária, em que a esposa permaneceu na sala durante toda a aplicação do questionário e interferia, fornecendo a resposta, sempre que o marido demonstrava alguma relutância frente à pergunta.

Outro aspecto a ser ainda assinalado quanto à atuação em dupla na realização dos inquéritos é a facilitação de maior interação durante a entrevista, à medida que o acompanhamento de um pesquisador auxiliar propicia mais segurança ao inquiridor, deixando-o mais à vontade para interagir com o informante. Em Ponta Porã, atuaram como pesquisadoras auxiliares duas bolsistas de Iniciação Científica do Programa PIBIC/CNPq/UFMS, que também atuam como inquiridoras no projeto do Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul (ALMS).

Quanto ao instrumento de coleta, nos quatro inquéritos, algumas questões do QFF (questionário fonético-fonológico) e do QSL (questionário semântico-lexical) não foram respondidas, particularmente as que remetem ao mundo rural e as que dizem respeito a referentes não familiares aos entrevistados.

Exemplificando essa constatação, pode-se citar, dentre outras, as seguintes situações: a questão de número 54 (QFF) – “uma doença que dá no gado, em geral na boca? Dá uma febre. Se não se separar o gado doente, ela pega nos outros. É preciso vacinar o gado para ele não ter essa

doença” – normalmente só é respondida pelos informantes da segunda faixa etária, de localidades onde a doença *aftosa* ainda atinge os rebanhos bovinos; a questão de número 74 (QFF) – “quando uma pessoa compra um carro e quer se prevenir de um prejuízo grande (um roubo, uma batida), procura um corretor e faz o quê?” – e a de número 157 (QFF) – “em uma pensão, um hotel, as pessoas de outros lugares que chegam e ficam lá algum tempo são o quê?” – não foram respondidas pelas informantes femininas das duas faixas etárias. Nota-se que os referentes *seguro* e *bóspede*, respectivamente, não fazem parte do conhecimento de mundo dessas mulheres, dada a condição econômica a que são expostas. Processo similar parece ocorrer com a questão número 107 (QFF) – “nas festas de igreja, que nome tem a caminhada que o povo faz, levando uma imagem de um ponto a outro? – para a qual espera-se a resposta *procissão*, prática religiosa não vivenciada pela informante feminina jovem que é evangélica.

Outra dificuldade observada na aplicação do questionário lingüístico do ALiB diz respeito ao desconhecimento, por parte do informante, da designação esperada como resposta. por tratar-se de termo arcaico, só utilizado por pessoas mais idosas: *braguilha* (questão 142 do QFF): “nome da abertura da calça do homem, normalmente fechada com botões ou com zíper?”. A unidade lexical *braguilha* só é mencionada por informantes da segunda faixa etária. A resposta fornecida para essa pergunta por informantes jovens é *fecho* ou *zíper*, ou seja, as designações mais comuns para esse referente, no português contemporâneo.

Merece ainda destaque a presença de marcas das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai, na fala dos informantes de Ponta Porã. Ilustremos esse fenômeno com dois exemplos. Para a questão número 76 do QFF – “quanto é que se paga para viajar daqui a ____? *Dizer o nome de uma cidade próxima*” – obteve-se a resposta “50 *guaranis*”. Só depois de reformulada a pergunta, foi mencionada a moeda brasileira. Já para a pergunta número 154 do QSL – “no Natal, monta-se um grupo de figuras representando o nascimento do Menino Jesus. Como chamam

isso?” – foi obtida a seguinte resposta “el niño de Jesus”. Interessante que a informante, antes de responder, afirmou que só sabia a resposta “em guarani”. Nota-se, pois, que a entrevistada, apesar de confundir as línguas, tem consciência metalingüística das línguas em contato no meio em que vive. Interessante registrar que esse tipo de conduta foi recorrente nas respostas de outras perguntas do questionário nas duas informantes femininas de Ponta Porã.

Além disso, há questões do QFF em que o referente é designado de forma diferente da forma esperada como resposta. Ilustram essa situação as respostas fornecidas pela informante feminina da primeira faixa etária para as perguntas de número 23 (QFF) – “nome de uma pequena grade de metal ou de ferro, que se coloca em cima da churrasqueira ou da brasa, para assar carne, frango, etc.?” , para a qual se espera a resposta *grelha*. Todavia, só se obteve a resposta *chapa*, designação atribuída a esse referente, nessa localidade. Fenômeno similar foi observado com a questão de número 43 (QFF) – “para andar a cavalo, o que é que se tem que fazer (mímica)?”, para a qual se conseguiu a resposta *pelegar* ao invés de *montar*, a resposta esperada. Na fronteira do Brasil com o Paraguai, é comum o uso de *pelegar* para nomear o ato de arrear o cavalo. Assim, pode-se questionar se a informante utilizou essa unidade lexical para nomear o ato de pôr-se sobre uma cavalgadura porque não se lembrou da outra designação (*montar*) ou porque realmente essa é a forma empregada para nomear essa ação na sua localidade de origem (Ponta Porã).

Frente a essas questões apontadas, alguns questionamentos parecem-nos pertinentes: não houve entendimento de algumas perguntas por parte dos informantes? faltou habilidade do inquiridor ao formulá-las? a causa da não-resposta é o desconhecimento do referente? A análise dos inquéritos e a continuidade da pesquisa, com certeza, apontarão à equipe de pesquisadores possíveis respostas para essas indagações.

Outro particular a ser registrado diz respeito às diferenças diageracional e diasexual. Os inquéritos com informantes masculinos foram mais rápidos (cerca de 2h30min), ao contrário do ocorrido com as

femininas, que foram mais demorados (cerca de 3h30min); os primeiros são mais objetivos, as segundas mais detalhistas e também mais demoradas para entender as perguntas de alguns campos relacionados ao mundo rural. No que se refere à diferença diageracional, os idosos estendem-se mais nas respostas, relatam mais fatos do passado. Aqui merecem registro também observações acerca da performance do inquiridor: o masculino foi mais objetivo, rápido, insistiu menos frente às perguntas não respondidas, enquanto a inquiridora feminina foi mais insistente, mais contextualizadora diante das dificuldades dos informantes.

Considerações finais

Enfim, os dados apontados acerca da realização dos inquéritos na cidade de Ponta Porã dão mostras do caminhar do ALiB em Mato Grosso do Sul, além de fornecer elementos para a avaliação da operacionalização do projeto e para o fortalecimento dos procedimentos metodológicos estabelecidos. Na verdade, cada inquérito realizado vai apontando à equipe limitações e avanços quanto ao desempenho do inquiridor e à funcionalidade do instrumento de coleta de dados e fornecendo elementos para a avaliação da metodologia adotada no projeto, seja para confirmar sua aplicabilidade, seja para ajustá-la em algumas particularidades, a partir das especificidades de determinadas regiões.

Cada inquérito aplicado reforça também a necessidade de investimentos na preparação da equipe de inquiridores, pois, num projeto com as dimensões do ALiB, a questão da uniformização de procedimentos torna-se, ainda mais, um imperativo. O inquiridor precisa estar familiarizado com os objetivos e os procedimentos da pesquisa dialetológica e, por conseqüência, com os do ALiB. Neste particular, o conhecimento profundo do questionário, a clareza quanto aos objetivos de cada tipo de questionário e de cada pergunta em particular é condição básica para o exercício da atividade de inquiridor. Do contrário, os dados recolhidos não seriam confiáveis.

À guisa de conclusão, vale registrar que os dados coletados em cada região brasileira estão fornecendo uma fotografia dos diferentes “brasis”, não só na esfera lingüística, revelando fenômenos e fatos lingüísticos, mas também desvendando os vários mundos vividos pela população brasileira, habitante dos vários rincões desse imenso país. A experiência vivenciada revela, também, um panorama das características sociais, econômicas, culturais e étnicas da população e, por extensão, da região investigada.

Referências bibliográficas

CABRAL, P. E. Formação étnica e democracia. In: CAMPO GRANDE: cem anos de construção. Campo Grande: Matriz, 1999. p. 27-62.

CAMPESTRINI, H.; GUIMARÃES, A. V. *História de Mato Grosso do Sul*. 2. ed. Campo Grande - MS: Assembléia Legislativa de Mato Grosso do Sul, 1991.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (BRASIL). *Atlas lingüístico do Brasil: questionários 2001*. Londrina: Eduel, 2001.

ISQUERDO, A. N. Linguagem regional e identidade cultural. *Jornal Folha do Povo* – Caderno Mato Grosso do Sul 22 anos - Cultura e Ecologia, Campo Grande - MS, p. 21, 1999.

_____. Influências hispano-americanas no léxico do português da fronteira Brasil/Paraguai. In: ENGLEBERT, A.; PIERRARD, M.; ROSIER, L.; RAEMDONCK, D. V. *Vivacité et diversité de la variation linguistique*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2000, v. III, p. 201-207.

ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, D. P. Estudos dialetológicos em Mato Grosso do Sul: delineando resultados. *Estudos Lingüísticos*, Marília - SP, v. XXX, 2001 (CD-Rom).

PANTANAL MS. Disponível em: <<http://www.pantanalms.tur.br/>>. Vários acessos.